



DAIANY LUIZA DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA O
APERFEIÇOAMENTO DA ESCRITA
NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

**LAVRAS - MG
2021**

DAIANY LUIZA DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA O APERFEIÇOAMENTO DA ESCRITA
NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
Lavras como parte das exigências do
Curso de Letras, para a obtenção do título
de Licenciatura.

Profa. Dra. Valdete Aparecida Borges Andrade
Orientadora

**LAVRAS - MG
2021**

DAIANY LUIZA DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA O APERFEIÇOAMENTO DA ESCRITA
NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

**THE IMPORTANCE OF READING TO IMPROVE WRITING
IN FUNDAMENTAL EDUCATION II**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
Lavras como parte das exigências do
Curso de Letras, para a obtenção do título
de Licenciatura.

APROVADA EM: 10/06/2021

Profa. Dra. Valdete Aparecida Borges Andrade

Profa. Dra. Mauriceia Silva de Paula Vieira

Profa. Dra. Walkiria França Vieira e Teixeira

Profa. Dra. Valdete Aparecida Borges Andrade

Orientadora

**LAVRAS - MG
2021**

RESUMO

Este artigo trata sobre os processos de leitura e de produção textual. O objetivo principal é identificar como as práticas de leitura podem influenciar no aperfeiçoamento da escrita entre alunos do ensino fundamental II. Como procedimento metodológico optamos pela pesquisa bibliográfica. Para embasar o estudo, delineamos uma revisão de literatura sobre leitura e escrita com base em Silva (2014), Koch (2016), Kleiman (2008), Conto (2006), Brasil (2005), Wittke (2020), Martins (1994), Gregio (2006), Freire (1982; 1997; 2009), Silva (2011), Lima (2016), Lombardi e Arbolea (2015) e Marcuschi (2008), por meio de publicações, como livros, artigos e dissertações, disponibilizadas na internet. Este artigo justifica-se por mostrar a importância da leitura para o aperfeiçoamento da escrita em educandos do ensino fundamental II, pois percebe-se a necessidade de que desenvolvam melhor essas habilidades. Com esta pesquisa, concluímos que é necessário incentivar mais essas práticas e mostrar a real importância da leitura e como ela pode ajudar na escrita. Para isso, sugere-se a adoção de ações como campanhas de incentivo à leitura, concursos de leitores e de redação, criação de mais bibliotecas públicas e comunitárias, incentivo dos pais em casa, por meio da leitura de livros para as crianças e outras medidas que despertem o gosto por ler e escrever.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Práticas. Desenvolvimento do aluno. Ensino Fundamental II.

ABSTRACT

This article is about the reading and the text production processes. The main purpose is to identify how reading can influence the improvement of elementary school students. As a methodological procedure we adopted bibliographic research. Our study was based on literature review about the reading and writing based on Silva (2014), Koch (2016), Kleiman (2000; 2008), Conto (2006), Brasil (2005), Wittke (2020), Martins (1994), Gregio (2006), Freire (1982; 1997; 2009), Silva (2011), Lima (2016), Lombardi e Arbolea (2015) e Marcuschi (2008), by publications, such as books, papers and dissertations, provided in the internet. This research is justified by showing the importance of reading for the improvement of the writing in elementary school students, as there is a clear need for them to better develop these skills. With this research we can conclude that it is necessary to encourage more of these practices and show the real importance of the reading and how it can help with the writing. For that it is suggested the adoption of the actions such as reading, reader and essay contests, founding more public and community librarys, encouraging parents at home, by reading books to kids and other methods that arouse the taste for reading and writing.

Keywords: Reading. Writing. Practices. Student development. Elementary School II.

SÚMARIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 METODOLOGIA.....	8
3 REVISÃO DA LITERATURA.....	9
3.1 O que é a leitura.....	9
3.2 Produção textual.....	12
3.3 Ensino da leitura e da escrita.....	15
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS.....	24

1 INTRODUÇÃO

A educação é direito de todos e dever do Estado e da família, conforme determina o artigo 205 da Constituição Federal da República Federativa do Brasil. De acordo com o artigo 4º da Lei nº 9.394, de 1996, conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), o dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: a) pré-escola; b) ensino fundamental; e c) ensino médio. O artigo 32 da LDB define que “o ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão”; o inciso I desse artigo especifica “o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo”. (BRASIL, 1996)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é o documento que “define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica”, assim, deve ser “assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE)”. (BRASIL, 2018, p. 7)

Nesse sentido, entende-se que esse processo tem como essência as práticas de leitura e de produção textual, que devem ser aprimoradas a cada nível de ensino. Na educação infantil, a criança começa a desenvolver essas capacidades de ler e escrever, o que é aperfeiçoado no ensino fundamental I (1º ao 5º ano). Entretanto, percebe-se que muitos alunos chegam ao ensino fundamental II (6º ao 9º ano) com deficiência na leitura e na escrita, o que, muitas vezes, decorre da falta dessas práticas, principalmente fora da escola. Com base nesses apontamentos, surgiu o interesse em pesquisar sobre a leitura e a escrita, em específico investigar a importância da leitura para influenciar a produção textual no ensino fundamental II.

O processo de leitura é dialético, pois, ao ler, o aluno tem novos conhecimentos que irão ajudá-lo em novas leituras, as quais tornam-se parte de um processo transformador. Segundo Freire (2009), “tempo de inteligência de uma página” é o tempo que uma pessoa gasta para conseguir realmente apreender o conteúdo da leitura, ou seja, para o autor, o importante não é o número de páginas lidas, mas sim, o que o leitor conseguiu extrair daquilo que foi lido.

Atualmente, percebe-se a necessidade de desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita. Para isso, é importante que a escola, como principal agente de letramento¹, trabalhe a apropriação da leitura e da escrita de forma significativa para que, desse modo, os alunos não tenham obstáculos quando forem realizar essas práticas sociais.

Diante do exposto, entende-se que a leitura está ligada diretamente à escrita, por meio das possibilidades que o indivíduo tem de adquirir novos conhecimentos. Com isso, abre-se a possibilidade de discutir os processos de leitura e de escrita nas séries finais do ensino fundamental.

Comumente, são desenvolvidos projetos para o processo de ensino-aprendizagem e práticas de leitura e de escrita, no âmbito da alfabetização, nas séries iniciais do ensino fundamental. Entretanto, percebe-se que essas ações não têm continuidade ou a devida importância no ensino fundamental II, quando esses hábitos deveriam ser aprimorados.

Nesse contexto, a pesquisa objetiva identificar como as práticas de leitura podem influenciar no aperfeiçoamento da escrita entre alunos do ensino fundamental II (6º ao 9º ano). Como motivação para o estudo, identificamos uma lacuna nas pesquisas sobre a influência que uma exerce sobre a outra entre os alunos do ensino fundamental II, visto que a maioria dos estudos encontrados sobre a temática refere-se às séries iniciais (1º ao 5º ano) do ensino fundamental.

Para cumprir com esse objetivo, iremos apresentar, na seção 1.1, a definição de leitura e de escrita, mostrando a importância das práticas de leitura para o aperfeiçoamento da escrita entre alunos do ensino fundamental II e como iniciativas e/ou projetos de leitura podem contribuir para aperfeiçoar a escrita entre alunos desse nível de ensino. Na seção 1.2, trataremos sobre a produção textual, suas características e sua relação com a leitura, bem como as definições e as especificidades do texto. Na seção 1.3, abordaremos a intrínseca relação entre o ensino da leitura e da escrita. Por fim, apresentaremos as considerações finais que apontam a importância da leitura para o aperfeiçoamento da escrita no ensino fundamental II.

¹ O letramento é o desenvolvimento das habilidades que possibilitam ler e escrever de forma adequada e eficiente, nas diversas situações pessoais, sociais e escolares em que precisamos ou queremos ler ou escrever diferentes gêneros e tipos de textos, em diferentes suportes, para diferentes objetivos, em interação com diferentes interlocutores, para diferentes funções. (SOARES, 2014, p. 11)

2 METODOLOGIA

Com o objetivo de identificar como as práticas de leitura podem influenciar no aperfeiçoamento da escrita entre alunos do ensino fundamental II (6º ao 9º ano), adotou-se uma pesquisa de cunho bibliográfico com base no tema proposto.

Ao fazermos um levantamento bibliográfico, identificamos que são poucas as pesquisas que mostram a influência que a leitura exerce sobre a escrita, principalmente entre os alunos do ensino fundamental II. Identificamos que a maioria dos estudos sobre as práticas de leitura e de escrita diz respeito ao ensino fundamental I (1º ao 5º ano), o que motivou ainda mais o desenvolvimento deste estudo e se mostrou um grande desafio na busca de bibliografias sobre a temática.

Antes de apresentarmos como transcorreu o percurso metodológico, torna-se necessário conceituar a pesquisa bibliográfica:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. (GIL, 2002, p.44)

Dessa forma, é necessário fazer um levantamento bibliográfico sobre o tema proposto em materiais publicados em forma de livros, artigos científicos, periódicos (revistas), teses, dissertações, monografias, anais de congressos e indexadores de bases de dados, em formato *on-line* e/ou materiais físicos, como CD-rom e impressos.

No caso deste estudo, delineamos uma revisão de literatura sobre leitura e escrita com base nos seguintes autores: Silva (2014), Koch (2016), Kleiman (2008), Conto (2006), Brasil (2005), Wittke (2020), Martins (1994), Gregio (2006), Freire (1982; 1997; 2009), Silva (2011), Lima (2016), Lombardi e Arbolea (2015) e Marcuschi (2008).

Após o levantamento feito com base na temática, realizamos a seleção e compilação do material e, em seguida, a leitura, interpretação e redação do texto, a partir das várias abordagens identificadas.

3 REVISÃO DA LITERATURA

3.1 O que é a leitura

A leitura é uma prática cotidiana e que contribui para o desenvolvimento humano. “O hábito de ler leva o educando a aprimorar a língua e a se tornar um sujeito crítico e capaz de produzir e recriar textos, remetendo à aquisição de conhecimentos, através de pesquisa, implementação de projetos de leitura, leitura em casa, rodas de leitura” (SILVA, 2014, p. 8). Ainda segundo a autora, essas práticas metodológicas tornam o espaço escolar mais atrativo para os alunos, além disso, elevam a autoestima do leitor e propiciam a aquisição de novos conhecimentos, com o envolvimento, inclusive, da família no processo de interação da leitura.

Segundo Silva (2014), um problema que os professores enfrentam é a dificuldade do alunado com relação à leitura, que é decorrente da falta do hábito de ler por parte dos estudantes, com isso, a interpretação e a produção de textos são vistas por eles como práticas complexas. Constatase que, para conseguir compreender como a leitura pode influenciar na escrita, primeiramente, é preciso entender o que é leitura.

Leitura é um processo pelo qual o aluno realiza um trabalho de concentração de significado a partir dos seus objetivos e também do seu conhecimento, de forma que as informações contidas tragam algo novo para o leitor. Nesse sentido, Koch (2016, p. 2) defende que a leitura pode ser considerada “como simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ ouvinte, bastando a este, portanto, o conhecimento do código”, assim, nessa visão, a língua é o conjunto de signos, desconsiderando os aspectos externos ao sistema.

Conforme a BNCC, “desde cedo, “a criança manifesta curiosidade com relação à cultura escrita: ao ouvir e acompanhar a leitura de textos, ao observar os muitos textos que circulam no contexto familiar, comunitário e escolar” (BRASIL, 2018, p. 42). Dessa forma, constrói a própria concepção de língua escrita e reconhece seus diferentes usos sociais. Ainda segundo a Base Nacional Curricular, os dois primeiros anos do Ensino Fundamental, vem ter a ação pedagógica focada na alfabetização, para “garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de

leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos. (BRASIL, 2018, p. 59)

A leitura é a relação mais íntima entre autor e leitor. A compreensão de um texto e o esforço para recriar o sentido dele demandam a busca pela coerência, que é “um princípio que rege a atividade de leitura e outras atividades humanas”. (KLEIMAN, 2008, p. 29)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) abordam sobre o ensino de leitura na escola. Lombardi e Arbolea (2015) analisam as estratégias de leitura descritas nos PCN, com aporte nas autoras: Kleiman (1995), Koch e Elias (2006) e Solé (1998). Existem os PCN específicos para o ensino fundamental II². “O domínio das estratégias de leitura decorre de uma prática viva do ato de ler, de um lado, vivenciando os diferentes modos de ler existentes nas práticas sociais; de outro, respondendo aos diferentes propósitos de quem lê”: (LOMBARDI; ARBOLEA, 2015, p. 2876)

Conforme o que é preconizado nos PCN, “no ensino fundamental, o eixo da discussão, no que se refere ao fracasso escolar, tem sido a questão da leitura e da escrita” (BRASIL, p. 1997, p. 19). O que aponta para a necessidade de reestruturar o ensino de Língua Portuguesa para encontrar formas de garantir a aprendizagem dessas práticas. O documento ressalta que os índices brasileiros de repetência nas séries iniciais são decorrentes da dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e a escrever.

Ainda segundo os PCN, a área de Língua Portuguesa é comumente vista como se fosse um foguete de dois estágios: o primeiro seria a alfabetização e o segundo o estudo da língua propriamente dita.

Durante o primeiro estágio, previsto para durar em geral um ano, o professor deveria ensinar o sistema alfabético de escrita (a correspondência fonográfica) e algumas convenções ortográficas do português — o que garantiria ao aluno a possibilidade de ler e escrever por si mesmo, condição para poder disparar o segundo estágio do metafórico foguete. Esse segundo estágio se desenvolveria em duas linhas básicas: os exercícios de redação e os treinos ortográficos e gramaticais. (BRASIL, 1997, p. 27)

² Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12657%3Aparametros-curriculares-nacionais-5o-a-8o-series&catid=195%3Aseb-educacao-basica&Itemid=859. Acesso em: 16 out. 2020.

Para que a leitura aconteça de forma satisfatória, é necessário conhecer algumas estratégias. Nesse sentido, Kleiman (2008) classifica as estratégias de leitura como cognitivas e metacognitivas. As estratégias cognitivas dizem respeito às operações inconscientes do leitor, ou seja, não chegam ao nível consciente para alcançar os objetivos da leitura. As estratégias metacognitivas estão relacionadas à metacognição, isto é, à capacidade de conhecimento do leitor, de forma a pensar a própria atuação, de planejá-la e regular a atuação inteligente.

Lombardi e Arbolea (2015, p. 2879) salientam que os PCN concordam com uma “concepção de leitura que leva em conta a interação autor/texto/leitor e a considera como uma atividade de produção de sentido que o leitor constrói a partir de estratégias, como: seleção, antecipação, inferência e verificação”.

Corrêa (2012) realizou um estudo bibliográfico intitulado “Práticas de leitura na sala de aula” com o objetivo de discutir as estratégias de leitura nas escolas do ensino fundamental. Segundo a autora, o poder público percebeu que era preciso desenvolver ações de forma a intensificar a leitura nas escolas, para uma melhor qualidade do ensino. Nesse sentido, o investimento em material humano é imprescindível, já que o aluno só aprende a ler com um professor que saiba ler e lhe sirva de modelo. A autora enfatiza que “a leitura é uma prática social proveniente de atitudes, hábitos, que deveriam ser iniciados no meio familiar ou em outros meios em que a escrita circunda”. (CORRÊA, 2012, p. 159)

Para Ribeiro e Archangelo (2009, p. 94), compreender a leitura é “não privilegiar a decifração das letras ou das palavras, é entender que a criança não necessita antes aprender a ler e a escrever para depois ler e escrever”. As autoras ainda definem que a leitura é um instrumento precioso na produção do conhecimento, uma vez que propicia ao leitor o contato com diferentes formas de ler e de compreender o mundo.

Os PCN asseveram que é necessário superar concepções sobre o aprendizado inicial da leitura: “a principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação” (BRASIL, 1997, p. 42). Ainda sobre a temática:

O conhecimento atualmente disponível a respeito do processo de leitura indica que não se deve ensinar a ler por meio de práticas centradas na decodificação. Ao contrário, é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler usando os procedimentos que os bons leitores utilizam. É preciso que antecipem, que façam inferências a partir do contexto ou do conhecimento prévio

que possuem, que verifiquem suas suposições — tanto em relação à escrita, propriamente, quanto ao significado. É disso que se está falando quando se diz que é preciso “aprender a ler, lendo”: de adquirir o conhecimento da correspondência fonográfica, de compreender a natureza e o funcionamento do sistema alfabético, dentro de uma prática ampla de leitura. Para aprender a ler, é preciso que o aluno se defronte com os escritos que utilizaria se soubesse mesmo ler — com os textos de verdade, portanto. Os materiais feitos exclusivamente para ensinar a ler não são bons para aprender a ler: têm servido apenas para ensinar a decodificar, contribuindo para que o aluno construa uma visão empobrecida da leitura. (BRASIL, 1997, p. 42)

Esse contexto reforça a ideia de que se aprende a ler pela leitura constante, pela interação com a diversidade de textos. Por meio da leitura se aprende a escrever.

A seguir, iremos tratar sobre o tema produção textual, apresentar não só suas características e sua relação com a leitura, mas também as definições e as especificidades do texto.

3.2 Produção textual

A comunicação escrita dependeu da invenção da linguagem gestual e oral. Antes disso, outros modos de comunicação foram experimentados, entre eles, a luz das fogueiras, o som dos tambores e desenhos, como as pinturas. (BRASIL, 2005)

A BNCC aborda sobre a centralidade do texto que define como

uma unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses. (BRASIL, 2018, p. 67)

A Base Nacional ainda estabelece que à Língua Portuguesa cabe proporcionar aos estudantes experiências que ajudam a ampliar os letramentos.

Conto (2006) explica que, para aprender a escrever um determinado gênero de texto, é necessário que os alunos sejam colocados em contato com um *corpus* textual desse mesmo gênero, que lhes sirva de referência em situações de comunicação bem definidas e reais, para que, assim, sintam-se motivados a escreverem seus próprios textos.

Duas qualidades indispensáveis à produção de um bom texto são a clareza e a coerência de ideias. A clareza está relacionada à forma de expressar a ideia, para que possa ser rapidamente compreendida pelo leitor. Ser claro é ser coerente, é não se contradizer e não confundir o leitor. Já a coerência é a conexão lógica, ou seja, a ligação harmônica dos fatos. (BRASIL, 2005)

De acordo com Conto (2006), todas essas características devem ser consideradas na produção de um texto. Vejamos, a seguir, o que a autora diz sobre esse assunto.

Ao professor cabe a função de motivar e fornecer ao aluno as condições adequadas de elaboração, permitindo-lhe empenhar-se na realização consciente de um trabalho de produção textual que realmente tenha sentido para si, e isso só é conseguido à medida que a proposição de produção textual seja bem clara e definida, apresentando-se as coordenadas do contexto de produção. É necessário que o aprendiz possa sentir que realmente está produzindo para um leitor, que não deve ser apenas o professor, eliminando a exclusividade das situações artificiais de produção textual tão presentes no cotidiano da escola. (CONTO, 2006, p. 4)

Em um texto, é preciso que sejam examinados os seis elementos-chave (o que, quem, onde, quando, como e por que), e se estão escritos de forma conveniente; se há transição natural entre uma frase e outra, entre um período e outro. (BRASIL, 2005)

A prática da escrita tem constituído o conteúdo abordado na aula de Língua Portuguesa tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio. Algumas escolas têm professores específicos para ministrar a disciplina de redação. Esses profissionais têm a tarefa de ensinar o aluno a produzir narrações, descrições e, principalmente, dissertações. Ao propor a dinâmica da escrita, o professor se interessa mais em avaliar se o aluno sabe escrever conforme as regras da língua padrão do que saber o que conhece e pensa sobre determinado assunto ou acerca da realidade em que vive. (WITTKE, 2020)

É importante atentar-se para a origem da palavra texto e, além disso, lembrar que um texto não é um amontoado de frases soltas, desconexas. Assim, podemos dizer que o texto tem a mesma origem da palavra tecido. “É uma estrutura construída de tal forma que as frases (ou fios) que o compõem mantêm uma relação íntima entre si”. A elaboração de textos demanda uma certa dose de atenção a alguns aspectos que auxiliam na compreensão da mensagem que se pretende transmitir. (BRASIL, 2005. p. 23)

Ainda de acordo com Wittke (2020, p. 3), “a redação tornou-se um exercício mecânico em que o aluno redige um texto para que o professor aponte erros cometidos, principalmente desvios gramaticais e de coesão”, que são de fácil identificação pois estão marcados na superfície do texto. “Soma-se a isso o fato de que a redação tem servido de instrumento para avaliar o desempenho do aluno no conhecimento da língua padrão, única variedade linguística reconhecida no meio escolar”.

Dois dos elementos mais importantes para a elaboração de um texto são: precisão e concisão. Na precisão, “a objetividade e a rapidez na exposição do pensamento são exigências modernas para um bom texto. Por isso, a necessidade em se buscar a clareza de raciocínio, a coerência de ideias e o vocabulário adequado”. Já a concisão “colabora enormemente para a compreensão das ideias transmitidas, pois é a capacidade de expressar o máximo de informações empregando o mínimo possível de palavras”. (BRASIL, 2005, p. 25-26)

Outro elemento indispensável para uma boa produção de texto é a criatividade. “Um texto criativo, ainda que trate de tema rotineiro, capta a atenção do leitor pelo estilo diferenciado” (BRASIL, 2005, p. 31). A obra ainda destaca que o escritor criativo evita expressões muito desgastadas, além disso, evita iniciar e terminar textos de forma parecida e as repetições. Com isso, cria novas maneiras e alternativas para passar sua mensagem.

Para escrever com objetividade, que é outra qualidade do texto, o autor deve ficar atento à exposição das ideias que são mais relevantes e evitar informações desnecessárias que tiram o leitor do foco do assunto abordado. É primordial saber definir as informações prioritárias, separar os dados relevantes dos supérfluos. Além disso, é importante a construção de frases curtas e independentes, bem como a escolha de vocábulos simples. O sentido do texto depende da articulação de ideias, que é a coerência, e da articulação gramatical entre palavras, orações, frases e parágrafos, no caso a coesão textual, ou seja, a maneira de recuperar, em uma segunda frase, um termo que foi mencionado na frase anterior. (BRASIL, 2005)

Ao se trabalhar um gênero textual em sala de aula, tanto na prática de leitura como de produção textual, “a língua passa a ser vista como um processo de interação verbal”. Assim, “a manifestação falada ou escrita deixa de ser um mero ato mecânico, destituído de sentido”. (WITTKE, 2020, p. 4)

É necessário usar a escrita de forma adequada, além de comunicar o que se deseja com clareza e objetividade. No caso de comunicação oficial, o princípio que fundamenta é o da resposta rápida, objetiva em relação àquilo que é transmitido. Essa característica é denominada eficácia, que é medida pela resposta dada (BRASIL, 2005). Nesse sentido, uma boa forma de sintetizar a escrita é o resumo, que se caracteriza pela reprodução, em poucas palavras, das ideias expressas pelo autor, uma abreviação do assunto tratado. Para fazer um bom resumo é preciso, antes de qualquer coisa, fazer uma boa leitura. E ela consiste em uma boa dose de concentração, sensibilidade, percepção e compreensão das palavras e ideias expressas.

Ribeiro e Archangelo (2009, p. 94) ressaltam que o texto não é apenas aquilo que é escrito com as palavras, uma sequência verbal, abarca, também, uma sequência icônica, de cores, assim como não é somente uma sequência verbal escrita, pode ser também oral. “Se a noção de texto amplia-se consideravelmente, a de leitura também. E os modos de ler vão adequando-se aos textos e leitores, diferentes dos da leitura na escola tradicional”. Nesse sentido, segundo as autoras, o trabalho com linguagens no ambiente escolar caracteriza-se, cada dia mais, pela presença do texto, em múltiplas funções, seja como objeto de leitura ou de produção.

No próximo tópico, apresentamos uma discussão sobre a relação entre o ensino da leitura e da escrita.

3.3 Ensino da leitura e da escrita

O ensino da leitura e da escrita é considerado muito importante para o desenvolvimento crítico e social do aluno, ou seja, sem a leitura e as práticas de escrita o educando não consegue absorver o seu papel na comunidade escolar, ler e escrever para conseguir expressar suas ideias. A leitura “abre a mente” para quem a pratica.

Freire (1997, p. 25) destaca que “quando aprendemos a ler, o fazemos sobre a escrita de alguém que antes aprendeu a ler e a escrever. Ao aprender a ler nos preparamos para imediatamente escrever a fala que socialmente construímos”. O autor continua:

Um dos equívocos que cometemos está em dicotomizar ler de escrever e, desde o começo mesmo da experiência em que as crianças ensaiam seus primeiros passos na prática da leitura e da escrita tomarmos esses processos como algo desligado do processo geral de conhecer. Essa dicotomia entre ler e escrever nos acompanha sempre, como estudantes e professores. (FREIRE, 1997, p. 25)

Martins (1994) mostra que o ensino da leitura e da escrita deve ser influenciado por toda a sociedade, entretanto, a escola acaba sendo quem desenvolve o papel fundamental para essa função, passando para os professores a missão de chamar a atenção dos alunos para a leitura e a trabalhar a escrita para formar a expressão de ideias. Entende-se que a escola precisa formar um cidadão crítico, que saiba ler um texto, entender e expressar uma opinião própria sobre o assunto lido.

A fundação americana *National Endowment for the Art* realizou uma pesquisa, em 2004, sobre a leitura e constatou que quem lê por prazer tem uma vida muito mais saudável e longa do que aqueles que não têm esse hábito. As pessoas que têm o hábito da leitura vivem mais felizes, porque conseguem resolver problemas com muito mais facilidade do que aqueles que não leem. Estes últimos demonstraram uma capacidade de raciocínio muito inferior aos primeiros. (GREGIO, 2006)

Conforme Freire (1982, p. 4-5), “ler é adentrar nos textos, compreendendo-os na sua relação dialética com os seus contextos e o nosso contexto”. Nesse sentido, insere-se a contextualização não só da leitura, mas também da escrita. Esta última, por sua vez, não significa simplesmente um código que transpõe de forma gráfica as unidades sonoras da fala (fonemas) e sim um sistema de representação escrita, notação dos segmentos sonoros da fala, como relata Silva (2014), com base em outros autores.

Freire (1997, p. 20) fundamenta que o ato de estudar implica sempre o de ler, nesse caso: “de ler o mundo, de ler a palavra e assim ler a leitura do mundo anteriormente feita. Mas ler não é puro entretenimento nem tampouco um exercício de memorização mecânica de certos trechos do texto”. Ou seja, a leitura requer, também, um conhecimento prévio de mundo, de realidade, para que o leitor faça a interpretação. Significa ler para além do que está escrito para compreender o contexto da mensagem a ser transmitida. Não basta apenas memorizar as palavras, é preciso saber interpretá-las. Quanto mais se estuda, mais amplia-se essa visão de mundo.

De acordo com Gregio (2006), a formação do leitor competente supõe alguém que consiga ler não somente o que está escrito nas linhas, mas, principalmente, nas entrelinhas; que relacione o que leu com outros textos já lidos e que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos ao texto que lê. Para atingir esses objetivos, os professores precisam oferecer a seus alunos uma diversificação cada vez maior de gêneros textuais, pois não se formam bons leitores trabalhando com um só gênero textual e muito menos com o uso único do livro didático.

Conforme os PCN, não se formam bons leitores com materiais pobres de leitura e as pessoas aprendem a gostar de ler quando a qualidade de suas vidas melhora com a leitura.

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. (BRASIL, 1997, p. 41)

É pelo ato de ler que o homem interage com os demais por meio da palavra escrita. “O leitor é um ser ativo que dá sentido ao texto. A palavra escrita ganha significados a partir da ação do leitor sobre ela”. (SILVA, 2011. p. 23)

O autor descreve a leitura como:

um processo de compreensão de mundo que envolve características essenciais singulares do homem, levando a sua capacidade simbólica e de interação com outra palavra de mediação marcada no contexto social. Assim, um texto só se completa com o ato da leitura na medida em que é atualizada a linguística e a temática por um leitor. (SILVA, 2011. p. 23)

Segundo Lima (2016), existe uma deficiência leitora no país, pois, como mostra a pesquisa realizada pelo Instituto Pró-livro em 2012³, o brasileiro lê dois livros por ano, em média. A pesquisa também revela que os estudantes leem por iniciativa própria, em média, 1,2 livros. Essa situação é preocupante, mas a autora ressalta que já existem diversos projetos de incentivo à leitura, principalmente nas instituições de ensino, na tentativa de minimizar esse déficit. Além disso, a autora destaca que

³ Disponível em: <https://prolivro.org.br/2012/06/29/retratos-da-leitura-no-brasil-pesquisa-instituto-pro-livro-3822/>. Acesso em: 16. out. 2020.

incentivar o hábito da leitura não deve ser uma tarefa apenas do governo, mas também da família e educadores.

De acordo com Lombardi e Arbolea (2015), “ler é processamento cognitivo complexo das informações que são produzidas pelo leitor-produtor, na sua interação com o autor-produtor, mediada pelo texto”. As autoras complementam que a prática da leitura acarreta em várias estratégias para o processamento do texto, além de mobilizar diferentes níveis de conhecimento do leitor. Elas ainda argumentam que a leitura, hoje, envolve um processo multidisciplinar que deixa de focalizar apenas o texto como objeto de estudo e atribui importância também ao autor e ao leitor. Assim, conforme os estudiosos, a concepção de leitura é de um processo interativo entre autores e leitores, em que o texto é apenas ponto de partida. (LOMBARDI; ARBOLEA, 2015)

O texto pode ser considerado como um tecido estruturado, uma entidade significativa, uma entidade de comunicação e um artefato sócio-histórico. De certo modo, pode-se afirmar que o texto é uma re(construção) do mundo e não uma simples refração ou reflexo. (MARCUSCHI, 2008)

“Atualmente, a representação da escrita modificou muito, pois os textos representados em livros, jornais, revistas ou, até mesmo, na tela de computador aparecem com arquiteturas diferenciadas, como fichário eletrônico, banco de dados, tabelas, gráficos etc.” (GREGIO, 2006, p. 23). Antes, o texto era composto, na maioria das vezes, apenas por palavras, mas, hoje, são apresentados com múltiplos formatos. Junto às palavras, foram incorporadas ilustrações dos mais variados tipos que devem ser lidos e interpretados em paralelo ao texto para que se tenha uma compreensão do todo. Como diz um ditado popular: uma imagem vale mais do que mil palavras.

Independentemente do formato que se apresenta, “o objetivo da leitura é formar cidadãos qualificados para compreender diferentes textos com os quais se defrontam” (SILVA, 2011, p. 24). Ainda segundo o autor, “a escola deve oferecer materiais de qualidade para seus educandos, para torná-los leitores proficientes, com práticas de leituras eficazes”. De acordo com Kleiman (2008), outros meios que ajudam para entender o sentido do texto são o engajamento, a ativação do nosso conhecimento prévio, além de dois princípios fundamentais: o estabelecimento de objetivos e propósitos claros para a leitura.

Um texto não pode ser produzido nem entendido considerando-se apenas a linguagem. O que se entende como nicho significativo do texto (também o da própria

língua) é a cultura, a história e a sociedade. Essa inserção pode se dar de diversas formas e, por isso, um texto pode ter várias interpretações, que devem ser coerentes entre si. (MARCUSCHI, 2008)

Para obter um aproveitamento melhor da leitura de um texto, devemos impor a ela um objetivo. Delinear um objetivo é despertar nossa atenção seletiva, fazendo-se focar em determinados aspectos e descartar os demais. Estabelecer objetivos na leitura facilita o processo de compreensão e memorização de alguns detalhes. (KLEIMAN, 2008)

Gregio (2006) salienta ainda que o leitor de hoje também é considerado um autor da escrita ou um coautor, isso porque pode transformar os textos que lê de várias formas, com novos fragmentos, recortes, deslocamento ou recomposição dos textos em múltiplas operações.

Para desenvolver esse processo em sala de aula, por um lado, o professor deve ter a consciência da importância da leitura no desenvolvimento sociocultural de seus educandos. Por outro, sabe-se que se a leitura deve ser um hábito, também deve ser para o aprendiz fonte de prazer e lazer, para, assim, interagir com o seu meio. Para tanto, deve-se sugerir e incentivar a prática da leitura o quanto antes, pelos pais e familiares por meio da leitura de contos, histórias, cantigas e, também, de brincadeiras de forma a contribuir para o desenvolvimento do processo de construção dessa prática. Isso pode acontecer se os pais e familiares tiverem o hábito de praticar a leitura em casa e incentivá-lo. (SILVA, 2011)

Kleiman (2008) explica que o objetivo da leitura pode ser determinado pela forma do texto, por exemplo, a leitura de um jornal não pode ser feita como a leitura de um artigo científico, pois o objetivo geral ao ler o jornal é diferente daquele quando se lê um artigo científico. Dessa maneira, a forma do texto muda o mecanismo de leitura, em outras palavras, um mesmo texto pode ser compreendido parcialmente ou totalmente conforme o objetivo do leitor. Kleiman (2008) exemplifica a compreensão por meio de uma experiência em que um texto que descreve uma casa ao ser lido por dois grupos, um com a finalidade de comprá-la e outro de roubá-la, tem diferentes interpretações. Ao final da leitura, cada grupo deve fazer um levantamento com os detalhes assimilados. Os dois grupos apresentam detalhes completamente diferentes, uma vez que seus objetivos iniciais eram divergentes.

Embora haja sentidos distintos, conforme os objetivos e/ou interpretações do leitor, de acordo com Marcuschi (2008), o texto não se dá apenas como um conjunto

de tópicos que se unem na sequência de enunciados. As evidências a partir do texto devem entrar em ação no conjunto dos conhecimentos do receptor para atuarem na construção do sentido final do texto. “O certo é que ninguém produz textos para não dizer absolutamente nada. Contudo, não se pode confundir informação com conteúdo e sentido. A informação é um tipo e conteúdo apresentado ao leitor/ouvinte, mas não é algo óbvio”. (MARCUSCHI, 2008, p.132)

Quando se tem objetivos bem definidos, a leitura permite lembrar mais e de uma melhor forma o que se leu. Enfatiza-se que estabelecer objetivos de leitura é considerado como uma estratégia metacognitiva, que é uma estratégia de controle e regulamento do próprio conhecimento. Assim, “a leitura é um processo só, pois as diferentes maneiras de ler (para ter uma ideia geral, para procurar um detalhe) são apenas diversos caminhos para alcançar o objetivo pretendido” (KLEIMAN, 2008, p. 35). A autora destaca ainda a importância das estratégias metacognitivas utilizadas durante o processo de leitura, pois ensinam os professores e, principalmente, os professores em formação a utilizarem esse método na prática pedagógica, a fim de garantir o desenvolvimento da compreensão.

Micotti (2009, p. 29) ressalta que há inúmeros problemas que afetam o ensino e que propõem indagações como: “porque há estudantes que avançam na escolaridade sem saber ler e escrever?”. Segundo a autora, as grandes dificuldades existem principalmente no ensino fundamental e as questões problemáticas que marcam a vida em sociedade também permeiam o contexto escolar. Em meio a esses desafios, Micotti (2009) focaliza as questões que afetam o ensino da leitura e da escrita, as quais surgiram nos embates de algumas políticas públicas com práticas pedagógicas e atuação docente.

Algumas questões problemáticas, segundo Micotti (2009), são decorrentes da Lei Federal n. 11.274, de 2006, que antecipou a matrícula obrigatória para 6 anos de idade e prorrogou para 9 anos a duração do ensino fundamental.

Não são recentes as discussões sobre o ensino da leitura e da escrita para crianças pequenas e sobre a inclusão desse processo na educação infantil. No entanto, entre nós, fora algumas iniciativas, essa medida permaneceu mais no terreno das intenções do que no das ações. (MICOTTI, 2009, p. 29)

Verifica-se, nesse sentido, que a antecipação do início da vida escolar e prorrogação do ensino fundamental não garantem o êxito do processo de ensino-

aprendizagem no que diz respeito às práticas de leitura e de escrita. A autora deixa clara a preocupação com algumas questões decorrentes do ensino em ciclos e seriação, como o fato de que nem todos os alunos aprenderem a ler e a escrever no primeiro ano de escolaridade.

As crianças que não foram bem-sucedidas na 2ª série avançam na escolaridade sem terem aprendido a ler e a escrever. Do ponto de vista escolar, a leitura e a escrita são atividades necessárias à continuidade dos estudos e à aquisição de outros conhecimentos. Por isso a existência de alunos que avançam na escolaridade sem saberem ler e escrever surpreende. Avançar na escolaridade sem os conhecimentos correspondentes a esse avanço gera outros problemas, como a baixa autoestima do estudante e o não investimento no seu próprio aprendizado. (MICOTTI, 2009, p. 32)

Conforme a autora, entre as técnicas para ensinar os professores utilizam a cópia, o ditado e a leitura em voz alta, os quais são utilizados por meio do uso de material estruturado para facilitar que sejam associados os elementos de leitura e de escrita. Um dos problemas pedagógicos advindos com a antecipação das matrículas, pela nova lei, pode ser trazer para as crianças mais cedo a frustração do fracasso no aprendizado. As crianças com dificuldades começam a acreditar que não são capazes de aprender a ler e a escrever e aqueles que não são alfabetizados no início do ensino fundamental tendem a compor o grupo de desinteressados e perturbadores, que frequentam a sala de aula apenas para conversar e brincar.

Por isso, a necessidade de novas práticas pedagógicas que promovam, segundo Micotti (2009, p. 36), a interação com a escrita. A autora destaca, entre outros aspectos do processo de ensino e aprendizagem, a importância de “propiciar de fato o desenvolvimento dos conhecimentos básicos de leitura e escrita no início do ensino fundamental”. Isso envolve a escola, os alunos e seus familiares.

Ribeiro e Archangelo (2009) também mostram as consequências que o insucesso na aquisição da leitura e da escrita podem provocar e que os educadores devem se mover na procura de alternativas pedagógicas para o êxito dessas práticas. Elas reforçam que é papel da escola ensinar as crianças a ler e a escrever. Assim, a escola deve repensar o modo de desenvolver seu trabalho para fomentar essas competências. “Hoje, muitos alunos não conseguem compreender o que leem – porque a leitura é focalizada apenas como passagem de letras a sons e porque, geralmente, aprendem apenas a decodificar sons e letras – nem expressar ideias”

(RIBEIRO; ARCHANGELO, 2009, p. 93). Por isso, são propostos novos caminhos para o ensino da leitura e da escrita. Os autores complementam que: “hoje, se quisermos traçar uma especificidade para a construção da leitura e da escrita é no trabalho com texto que a encontraremos”. (RIBEIRO; ARCHANGELO, 2009, p. 94)

Bissoli (2009, p. 45) aborda algumas estratégias infantis adotadas para ler e escrever textos. De acordo com a autora, na educação infantil, a mudança na prática desenvolvida em aula requer o entendimento de que a criança passa por um processo que envolve muitas transformações em sua relação com o mundo em que estão inseridas suas atividades com a leitura e a escrita. Para ela, trata-se do início da conscientização de papéis sociais, como leitor e escritor. A criança passa a vivenciar o uso social da leitura e da escrita em processos reais de comunicação. O professor deve oferecer o apoio necessário e os desafios nessas práticas.

A seguir, apresentamos as considerações finais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, concluímos que a leitura e a escrita caminham juntas, ou melhor, são interdependentes. Por um lado, para se compreender bem um texto, o leitor precisa entender os processos de escrita, por outro, para escrever um bom texto é necessária a prática da leitura. Na escola, a criança aprende os dois processos simultaneamente. Ao conhecer as letras, a formação das sílabas e de palavras, as regras gramaticais, o aluno aprende a ler e a escrever. Entretanto, sabemos que essas habilidades precisam ser aperfeiçoadas ao longo da vida escolar.

Constata-se que, geralmente, a leitura e a escrita são mais enfatizadas no ensino fundamental I. Muitos alunos passam para o ensino fundamental II e, até mesmo, para o ensino médio sem muita familiaridade com essas práticas. Nos anos iniciais da educação básica, são comuns as fichas de leitura, a realização de concursos de redação e outras atividades que incentivam a leitura e a produção textual. Mas, no ensino fundamental II, não é tão comum ter atividades que fazem o aluno ler ou escrever com frequência. Isso pode ser percebido, ou melhor, verificado pelas dificuldades que os alunos têm, principalmente, ao produzirem textos.

Seria necessário incentivar mais essas práticas, mostrar a real importância da leitura e como ela pode ajudar na escrita. Quem lê com frequência tem mais desenvoltura para escrever. Não só na escola, mas também em casa, os estudantes deveriam ler com maior frequência. Para sanar as dificuldades relacionadas à leitura e à escrita, a família deve motivar as crianças, lendo livros para elas, presenteando-as com livros ou pedindo para escreverem suas próprias histórias. Já os órgãos competentes, como o Ministério da Educação, poderiam fazer campanhas de incentivo à leitura, abrir mais bibliotecas públicas ou comunitárias, promover concursos de leitores e de redação para estimular as pessoas a lerem e escreverem. Dessa forma, os alunos terão melhores condições de produzir textos que possam contribuir para a socialização de ideias.

REFERÊNCIAS

- BISSOLI, Ligia Sciarra. Crianças pequenas e o acesso à escrita. *In*: MICOTTI, Maria Cecília de Oliveira (org.). **Leitura e escrita**: como aprender com êxito por meio da pedagogia por projetos. São Paulo: Contexto, 2009, pp. 45-64.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- _____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf. Acesso em: 25 jun. 2021.
- _____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, LDB, Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 16 out. 2020.
- _____. **Parâmetros curriculares nacionais**: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997, 144p.
- _____. Ministério da Educação. **Produção Textual na Educação Escolar**. 1. ed. Elaboração: FREITAS, Olga. Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Educação a Distância, 2005. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=48521-08-producao-textual-educacao-correcao&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 16 out. 2020.
- CONTO, Janete Maria - Aspectos Cognitivos de Leitura e Produção Textual da Carta de Apresentação. **Linguagens & Cidadania**, v. 8, n. 2, jul./dez., 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/28343/16014>. Acesso em: 16 out. 2020.
- CORRÊA, Juliana de Oliveira. Prática de leitura em sala de aula. **Evidência**, Araxá, v. 8, n. 8, p. 157-164, 2012. Disponível em: http://www.adventista.edu.br/_imagens/asped/files/pr%C3%A1ticas%20de%20leitura%20em%20sala%20de%20aula.pdf. Acesso em: 20 fev. 2021.
- FREIRE, Paulo. Da leitura de palavras à leitura do mundo. **Leitura e prática**. Vol. 1, p. 3-9, 1982.
- _____. Primeira Carta Ensinar – aprender Leitura do mundo – leitura da palavra. *In*: FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho D'água, 1997.
- _____. Entrevista concedida a Ezequiel Theodoro da Silva. *In*: BORZOTTO, Valdir Heitor (org.). **Estado de leitura**. Campinas: Mercado das Letras, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GREGIO, Solange Ana de Macedo. **Motivação da leitura por meio de atividades com textos humorísticos.** (Dissertação) Mestrado em Língua Portuguesa - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp010574.pdf>. Acesso em: 15 out. 2020.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor:** aspectos cognitivos da leitura. 11. ed. Campinas, SP: Pontes, 2008.

KOCH, Ingedore G. Villaça. Parâmetros curriculares nacionais, linguística textual e ensino de línguas. **Revista do GELNE**, v. 4, n. 1, p. 1-12, 23 fev. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9110>. Acesso em: 15 out. 2020.

LIMA, Aline Gisele da Silva. **Uma proposta de círculo de leitura no ensino fundamental.** (Dissertação) Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal da Paraíba, Mamanguape (PB), 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/8920/2/arquivototal.pdf>. Acesso em: 15 set. 2020.

LOMBARDI, Roseli Ferreira; ARBOLEA, Tânia Aparecida. **Estratégias de Leitura nos Parâmetros Curriculares Nacionais.** 2015. Disponível em: http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_347.pdf. Acesso em: 15 set. 2020.

MICOTTI, Maria Cecília de Oliveira. O ensino fundamental: políticas públicas e práticas pedagógicas. *In:* MICOTTI, Maria Cecília de Oliveira (org.). **Leitura e escrita:** como aprender com êxito por meio da pedagogia por projetos. São Paulo: Contexto, 2009, p. 25-44.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, Análise de Gênero e Compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

RIBEIRO, Maria Augusta H. W.; ARCHANGELO, Rosemeire Ribeiro. Pinóquio e o processo de construção da leitura e escrita. *In:* MICOTTI, Maria Cecília de Oliveira (org.). **Leitura e escrita:** como aprender com êxito por meio da pedagogia por projetos. São Paulo: Contexto, 2009, p. 93-112.

SILVA, Ana Maria Macêdo da. **Práticas de leitura e escrita nas séries iniciais:** conceitos, estratégias e experiências. (Monografia). Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares. Universidade Estadual da Paraíba. Guarabira – PB, 2014. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/9747/1/PDF%20-%20ANA%20MARIA%20MAC%C3%80DO%20DA%20SILVA.pdf>. Acesso em: 15 out. 2020.

SILVA, José Aroldo da. Discutindo sobre leitura. **Letras Escreve – Revista de Estudos Linguísticos**, vol. 1, nº 1, jan./junho., 2011. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/viewFile/326/n1jose.pdf>. Acesso em: 15 out. 2020.

SOARES, Magda Becker. **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. *In*: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (orgs). Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento>. Acesso em: 9 mar. 2021.

WITTKE, Cleide Inês. **A prática da escrita na escola**: processo de produção de sentido. Universidade Federal do Rio Grande, 2020. Disponível em: <https://senallp.furg.br/index.php/anais/26-a-pratica-da-escrita-na-escola-processo-de-producao-de-sentido-cleide-ines-wittke-ufpel>. Acesso em: 15 out. 2020.